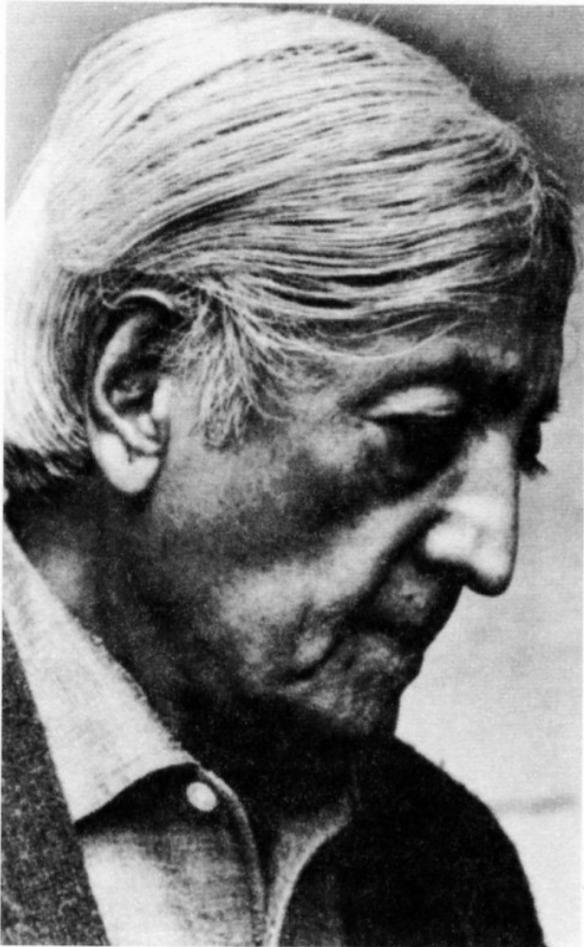




NÚCLEO CULTURAL KRISHNAMURTI

Boletim 58

2020



Jiddu Krishnamurti nasceu na Índia em 1895. Com a idade de 13 anos passou a ser educado pela Sociedade Teosófica, que o considerava um dos grandes Mestres do mundo. Krishnamurti em breve viria a emergir como um Mestre extraordinário e inteiramente descomprometido, tendo abandonado aquela organização em 1929. As suas palestras e escritos não se ligam a nenhuma religião específica nem pertencem ao Oriente ou ao Ocidente, mas sim ao mundo na sua globalidade:

“Afirmo que a Verdade é uma terra sem caminho. O homem não pode atingi-la por intermédio de nenhuma organização, de nenhum credo (...) Tem de encontrá-la através do espelho do relacionamento, através da compreensão dos conteúdos da sua própria mente, através da observação. (...)”

Durante o resto da sua existência, foi rejeitando insistentemente o estatuto de guia espiritual que alguns tentaram atribuir-lhe. Continuou a atrair grandes audiências por todo o mundo, mas recusando qualquer

autoridade, não aceitando discípulos e falando sempre como se fosse de pessoa a pessoa. O cerne do seu ensinamento consiste na afirmação de que a necessária e urgente mudança fundamental da sociedade só pode acontecer através da transformação da consciência individual. A necessidade do autoconhecimento e da compreensão das influências restritivas e separativas das religiões organizadas, dos nacionalismos e de outros condicionamentos, foram por ele constantemente realçadas. K. chamou sempre a atenção para a necessidade urgente de um aprofundamento da consciência, para esse *“vasto espaço que existe no cérebro onde há inimaginável energia”*. Essa energia parece ter sido a origem da sua própria criatividade e também a chave para o seu impacto catalítico numa tão grande e variada quantidade de pessoas.

A Educação foi sempre uma das preocupações de Krishnamurti. Fundou várias Escolas em diferentes partes do mundo onde crianças, jovens e adultos podem aprender juntos a viver um quotidiano de compreensão da sua relação com o mundo e com os outros seres humanos, de descondicionamento e de florescimento interior.

Durante a sua vida, K. viajou por todo o mundo falando às pessoas, tendo falecido em 1986, com a idade de 90 anos. As suas palestras e diálogos, diários e outros escritos estão reunidos em mais de 60 livros.

Amigos de K., reconhecendo a importância dos seus ensinamentos, estabeleceram *Fundações* na Europa, nos Estados Unidos, na América Latina e na Índia, assim como *Centros de Informação* em muitos países do mundo, onde se podem colher informações sobre Krishnamurti e a sua obra. As Fundações têm carácter exclusivamente administrativo e destinam-se não só a difundir a obra de K. mas também a ajudar a financiar as escolas experimentais por ele fundadas.

INTRODUÇÃO

Caros amigos,

Aqui estamos novamente para vos dar notícias deste Núcleo.

Na preparação deste boletim, fizemos uma reflexão sobre o trabalho do Núcleo no presente ano, o qual foi afectado, como seria de esperar, pelos condicionamentos decorrentes da crise mundial que vivemos em 2020.

Todos os nossos eventos foram cancelados: o Retiro anual no Centro Krishnamurti em Brockwood Park, Inglaterra, o 1º Encontro anual em Portugal, as exposições de vídeos que se estavam a programar na Universidade do Minho, em Braga e, possivelmente, outras que estavam a ser agendadas por amigos deste Núcleo espalhados pelo país.

No Centro de Aprendizagem da associação sem fins lucrativos O MUNDO SOMOS NÓS, onde desenvolvemos dois projetos de educação para crianças dos 2 aos 16 anos, as actividades também foram suspensas durante alguns meses e reabertas em Junho, para grande alegria das crianças, dos pais e da equipa pedagógica, todos cansados das reuniões diárias online. Ainda assim, o tempo que tivemos de suspensão permitiu às educadoras e coordenação do Centro um reencontro consigo mesmas e uma reavaliação de prioridades. Conseguimos também planear com mais calma e rigor, o que nem sempre é possível na azáfama do dia-a-dia com as crianças.

Como somos uma pequena “família”, decidimos formar uma “bolha” e temos conseguido realizar as actividades sem problemas e com estabilidade. As inscrições mantiveram-se e foi até possível aumentar a equipa pedagógica.

Sentimos que, em muitos momentos, estivemos num oásis de paz e calma, no meio de um furacão mundial.

No final do mês de Setembro confirmou-se a aquisição de um terreno de 35.000m² situado a 2 km das actuais instalações (Goães, Ribeira do Neiva, Vila Verde, entre Braga e Ponte de Lima), onde pretendemos criar um Centro de Retiros com alojamento para hóspedes e para a equipa e uma zona de agricultura. As nossas principais inspirações são a escola Brockwood Park e o Centro Krishnamurti em Inglaterra.

Apesar de para nós, este ter sido um ano de introspecção e, simultaneamente, de grandes concretizações, não estamos separados do mundo e percebemos que o que Krishnamurti veio ensinar ao mundo, faz, a cada dia que passa, mais sentido e é mais necessário e urgente. O questionamento, a atenção, a meditação, a percepção do conflito interior, a arte dos relacionamentos, a vida, a morte, o medo, são temas que K nunca abandonou e cuja exploração consciente pode ajudar a criar pontos de luz no meio do sofrimento em que o mundo se encontra.

Este foi um ano de separação física entre as pessoas, mas esperamos que termine com a união dos nossos corações. Desejamos que em 2021 não nos esqueçamos daquilo que nos faz humanos e que ultrapassemos as tendências instintivas herdadas dos nossos antepassados. Para equilibrar a crescente polarização da sociedade necessitamos de encontrar um chão comum, de entrar no reino do diálogo. Que assim seja!

Desejamos a todos uma boa leitura.

NOTÍCIAS DO NÚCLEO K

Nova Edição em Portugal

Nos últimos anos temos tido a alegria de anunciar, no boletim anual, uma nova edição de Krishnamurti em Portugal. Este ano não foi excepção.



A Cultura Editora lançou em Março de 2020 o livro "O Que Estás a Fazer com a Tua Vida" de J. Krishnamurti.

A tradução desta vez não foi de Joaquim Palma, membro fundador deste Núcleo, que se encontra no momento a trabalhar noutras edições e traduções, mas recomendamos este best seller, no qual K. responde a questões essenciais sobre a vida e o seu significado.

O livro pode ser adquirido aqui:
<https://www.culturaeditora.pt/produto/o-que-estas-a-fazer-com-a-tua-vida/>

Redes Sociais

Em 2020 assistimos a uma revolução nos hábitos das populações ocidentais. O “digital” que já se encontrava em grande expansão nos últimos anos, passou a desempenhar um papel fundamental na comunicação, educação, serviços, comércio, etc..

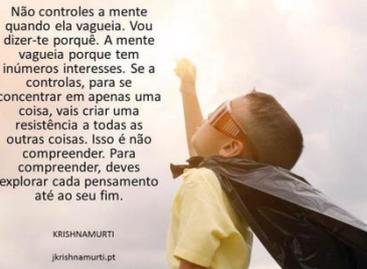
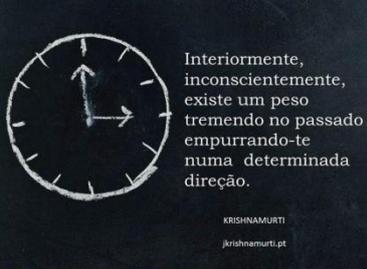
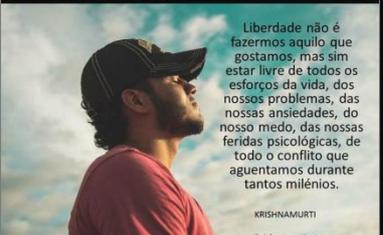
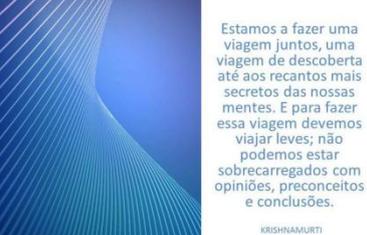
A nossa presença nas redes sociais mantém-se estável e estamos focados naquilo que parece “resultar” nos tempos

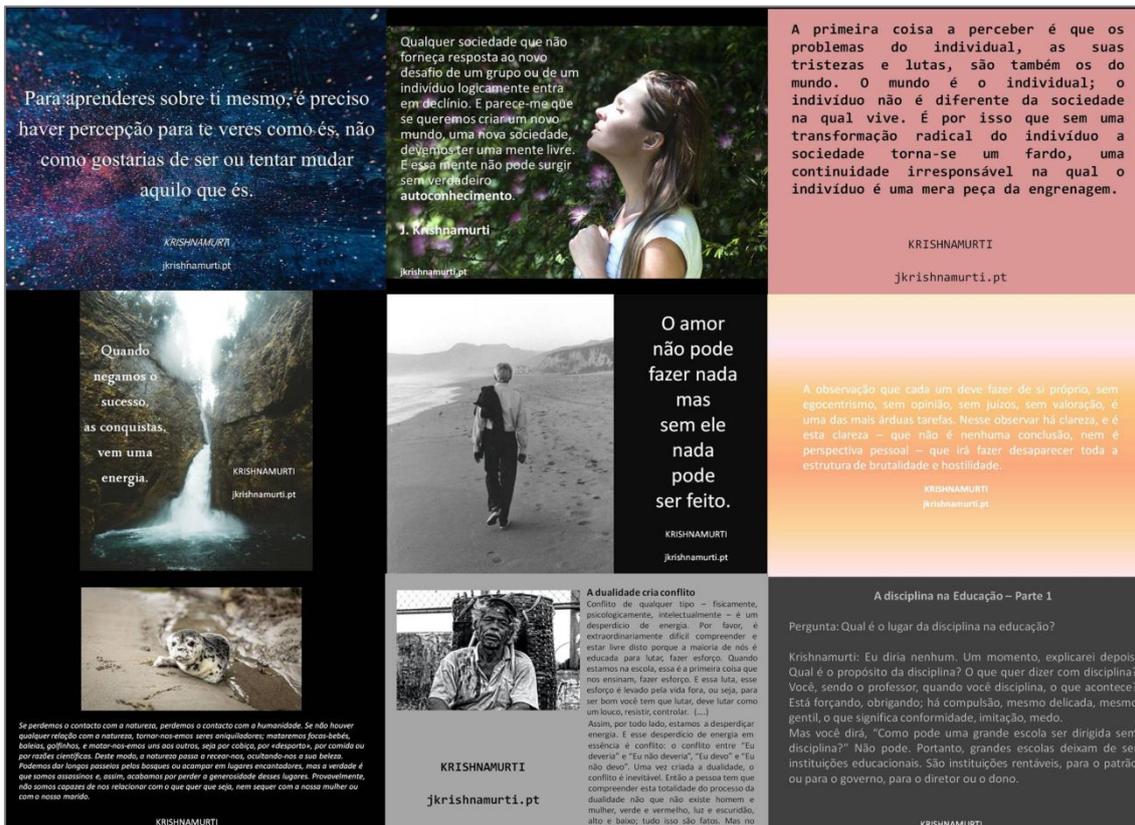
actuais, em que as pessoas dedicam poucos segundos de atenção a cada publicação – citações curtas e impactantes.

Sabemos que para compreendermos Krishnamurti é necessário mergulhar mais profundamente na sua mensagem, por isso esperamos que as imagens que publicamos sirvam para despertar no público que nos segue alguma dimensão que, depois de activada, possa ser (re)descoberta.

Nota-se, nas redes sociais, um aumento substancial de citações sobre “sabedoria” de vários autores, pelo que nos parece que, paradoxalmente a esta “pressa” da actualidade, este ano obrigou-nos a parar e a olhar com mais seriedade para a nossa vida e para a vida dos outros. As pessoas estão a colocar questões e percebemos isso como favorável ao auto-conhecimento.

De seguida, o leitor poderá encontrar exemplos das nossas publicações no instagram e facebook:

| | | |
|--|--|---|
|  <p>Paras de escutar quando resistes, quando comparas ou quando julgas.</p> <p>KRISHNAMURTI jkrishnamurti.pt</p> | <p>O homem que não estudou pode ser mais inteligente do que o erudito. Fizemos de exames e diplomas critério de inteligência, e desenvolvemos mentes muito sagazes, que evitam os problemas humanos vitais. Inteligência é a capacidade de perceber o essencial, o que é; despertar essa capacidade, em si próprio e nos outros: eis em que consiste a educação.</p> <p>KRISHNAMURTI jkrishnamurti.pt</p> |  <p>Ser criativo, no verdadeiro sentido da palavra, é estar livre do passado em cada momento, porque é o passado que continuamente assombra o presente.</p> <p>KRISHNAMURTI jkrishnamurti.pt</p> |
|  <p>Se tu e eu vemos o facto da fome, o que acontece? Então, o que é ação? Tu e eu observamos esse facto – não o que faz sobre isso, nem os planos que podemos desenvolver para nos livrarmos da fome. O importante é que vemos o facto, não como resolvê-lo. O planeamento vem depois de ver; não planeando primeiro e depois vendo. Os planeadores não vêem; eles não sentem; não está no seu sangue. Estão mais preocupados com o planeamento do que com o facto. Quando estamos preocupados com o facto, todos nós, não apenas um ou dois, então vamos resolvê-lo.</p> <p>KRISHNAMURTI jkrishnamurti.pt</p> | <p>Não controles a mente quando ela vagueia. Vou dizer-te porquê. A mente vagueia porque tem inúmeros interesses. Se a controlas, para se concentrar em apenas uma coisa, vais criar uma resistência a todas as outras coisas. Isso é não compreender. Para compreender, deves explorar cada pensamento até ao seu fim.</p>  <p>KRISHNAMURTI jkrishnamurti.pt</p> |  <p>Interiormente, inconscientemente, existe um peso tremendo no passado empurrando-te numa determinada direção.</p> <p>KRISHNAMURTI jkrishnamurti.pt</p> |
|  <p>Liberdade não é fazermos aquilo que gostamos, mas sim estar livre de todos os esforços da vida, dos nossos problemas, das nossas ansiedades, do nosso medo, das nossas feridas psicológicas, de todo o conflito que aguentamos durante tantos milénios.</p> <p>KRISHNAMURTI jkrishnamurti.pt</p> | <p>Quando há qualquer tipo de preconceito, qualquer conclusão, qualquer preferência ou aversão, não existe consciência.</p> <p>KRISHNAMURTI</p> |  <p>Estamos a fazer uma viagem juntos, uma viagem de descoberta até aos recantos mais secretos das nossas mentes. E para fazer essa viagem devemos viajar leves; não podemos estar sobrecarregados com opiniões, preconceitos e conclusões.</p> <p>KRISHNAMURTI</p> |



Pode consultar mais aqui (para aceder aos nossos conteúdos não é necessário criar um perfil público):

Facebook: <https://www.facebook.com/nucleoculturalkrishnamurti/>

Instagram: <https://www.instagram.com/nucleoculturalkrishnamurtipt/>

Outros sítios:

Núcleo Cultural Krishnamurti: <https://www.ikrishnamurti.pt/>

O Mundo Somos Nós: <https://omundosomosnos.org/>

NOTÍCIAS DA FUNDAÇÃO KRISHNAMURTI

(Os textos que seguem foram recolhidos, traduzidos e adaptados de documentos do site da Fundação)

Escola de Brockwood Park

A *Brockwood Park School*, uma escola, como sabem, em regime de internato, para jovens dos 14 aos 19 anos, mandou os alunos para casa no dia 23 de março, seguindo o conselho do

governo do Reino Unido. Foi necessário um esforço significativo dos professores para num curto período de tempo estarem prontos para ensinar os alunos e apoiá-los online. Além das aulas, foram criadas plataformas online que permitiram que toda a escola se mantivesse em contacto e que os funcionários fizessem actualizações em vídeo, bem como que organizassem e realizassem em conjunto momentos diários como “Enquiry Time” e as “Silent Morning Meetings”. Houve também um trabalho acrescido de apoio da equipa aos alunos, nestes tempos difíceis.

O excedente da grande horta de Brockwood, devido à ausência de alunos, alguns funcionários e convidados do Centro, foi oferecido gratuitamente às comunidades vizinhas.

Em Setembro, o início do ano académico em Brockwood foi atípico devido à situação mundial que vivemos em 2020. Numa escola internacional em que a equipa e estudantes são originários de diferentes partes do mundo, foi um desafio manter a escola aberta.

Desde 1969, Brockwood Park cresceu e floresceu graças ao apoio de simpatizantes, pais e funcionários dedicados. Apesar da perda financeira causada por esta situação difícil, estamos confiantes de que será possível superá-la e que Brockwood continuará a prosperar. Se quiser apoiar a Escola de Brockwood Park, por favor contacte-nos.

Centro de Estudos Krishnamurti

O Centro esteve fechado desde Março e abriu por um breve período, tendo sido obrigado a fechar de novo, pelo menos até final de Janeiro, devido a novas medidas restritivas do governo do Reino Unido.

A livraria do Centro está a funcionar exclusivamente através da loja online onde o público pode fazer pedidos que

serão enviados imediatamente e terão o benefício adicional de apoiar a Fundação neste momento difícil.

Krishnamurti Online

A presença online da fundação continua forte e em grande crescimento. O Canal do Youtube oferece gratuitamente a totalidade dos vídeos de Krishnamurti e muitas gravações áudio – mais de 1300 extractos e gravações completas. Os vídeos e gravações estão legendados para diversas línguas e em português existem 256 vídeos com legendas. O Canal tem cerca de 344.000 subscritores. O Instagram da Fundação também cresceu para 216.000 seguidores.

Relembramos as ligações para as diferentes páginas/redes sociais da Fundação:

Krishnamurti Foundation Trust - <http://www.kfoundation.org/>

Brockwood Park School: <https://brockwood.org.uk/>

Centro Krishnamurti - <http://www.kfoundation.org/centre>

Friends of Brockwood Park - <http://friendsofbrockwoodpark.org.uk/>

Loja online da Fundação: <https://store.kfoundation.org>

You Tube (coleção de vídeos): <https://www.youtube.com/kfoundation>

Instagram: <https://www.instagram.com/krishnamurtifoundationtrust/>

Facebook: <https://www.facebook.com/KrishnamurtiFoundationTrust>

Outros sítios:

Site Internacional - <http://jkrishnamurti.org>

Krishnamurti Foundation of America - <http://www.kfa.org/>

Fundación Krishnamurti Latinoamericana - <http://www.fkla.org/>

Krishnamurti Foundation of India - <http://www.kfionline.org/>

Twitter K internacional - <https://twitter.com/orgKrishnamurti>

The Immeasurable - <https://theimmeasurable.org/>

OUTRAS NOTÍCIAS

Estreia do Documentário *Infinite Potencial*



Estreou em Junho um documentário que conta a história pouco conhecida de David Bohm, considerado um dos físicos mais brilhantes do século 20 e com quem Krishnamurti gravou vários diálogos. São apresentadas as suas ideias científicas e filosóficas numa série de 17 entrevistas com cientistas, filósofos, académicos, colegas e amigos, incluindo o Dalai Lama, o artista Antony Gormley, o filósofo e físico de Oxford Sir Roger Penrose e muitos outros que foram influenciados pelo trabalho revolucionário de Bohm.

As explorações científicas de Bohm levaram-no a criar a hipótese de uma ordem oculta para a realidade - o Potencial Quântico - que está por detrás do mundo microscópico das

partículas subatômicas e também do mundo macro das estrelas e galáxias.

Além da física, Bohm também tinha um grande interesse no mistério da consciência, no funcionamento da linguagem e no processo de diálogo interpessoal. Esses interesses evoluíram durante sua amizade de 25 anos com Krishnamurti, que conheceu enquanto trabalhava na Universidade de Bristol. As gravações de uma série de diálogos com Krishnamurti foram publicadas como o livro *The Ending of Time: Where Philosophy and Physics Meet* e também estão disponíveis para visualização no YouTube.

Pode ver aqui o trailer: <https://youtu.be/GzbgdI3NLIY>

Pode ver aqui o filme (é necessário comprar):

<https://www.infinitepotential.com/>

APOIAR

O trabalho de todas as pessoas que ajudaram a preparar este boletim é voluntário, assim como todo o trabalho de tradução de livros para português, legendagem de vídeos, resposta a emails, telefonemas, comunicação nas redes sociais, organização do retiro anual, encontros, exposições de vídeos, etc..

Ao contribuir com trabalho voluntário está a permitir que mais textos e vídeos sejam traduzidos para a língua portuguesa e a ajudar na difusão em Portugal dos autênticos ensinamentos de Krishnamurti.

Se domina a sua língua nativa e o inglês, tem um interesse profundo nos ensinamentos de Krishnamurti e gostaria de ajudar-nos com a tradução de legendas, envie uma mensagem

para digital@kfoundation.org (com o conhecimento de nucleok@sapo.pt).

Continuamos a apelar a quem se interesse seriamente pela mensagem de Jiddu Krishnamurti para que nos contacte caso pretenda contribuir de forma voluntária para o trabalho do Núcleo, dar os primeiros passos na criação de Centros de Informação K ou simplesmente organizar projecções de vídeos e/ou reuniões de diálogo no local onde vive.

Pode também dar um contributo monetário (IBAN da associação OMSN: **PT50001000005169685000156**; envie, por favor, comprovativo, nome, morada e NIF para o email info.omundosomosnos@gmail.com) e, nesse caso, estará a ajudar-nos na organização de eventos, como exposições de vídeos, encontros e o retiro anual, a suportar os custos de alojamento e domínio do nosso site oficial, na aquisição de novas edições de livros, a ajudar uma criança a criar uma bolsa para estudar na escola Brockwood Park e ainda na criação de um Centro Krishnamurti em Portugal (no terreno já mencionado acima).

Agradecemos a todos aqueles que com os seus donativos ou por outra forma têm permitido que a tarefa de difusão dos ensinamentos de K em língua portuguesa continue.



Se perdemos o contacto com a natureza, perdemos o contacto com a humanidade. Se não houver qualquer relação com a natureza, tornar-nos-emos seres aniquiladores; mataremos focas-bebés, baleias, golfinhos, e matar-nos-emos uns aos outros, seja por cobiça, por «desporto», por comida ou por razões científicas. Deste modo, a natureza passa a recar-nos, ocultando-nos a sua beleza. Podemos dar longos passeios pelos bosques ou acampar em lugares encantadores, mas a verdade é que somos assassinos e, assim, acabamos por perder a generosidade desses lugares. Provavelmente, não somos capazes de nos relacionar com o que quer que seja, nem sequer com a nossa mulher ou com o nosso marido.

in KRISHNAMURTI'S JOURNAL, Abril, 4, 1975

INTELIGÊNCIA

BOHM: O cérebro não cria inteligência, mas é um instrumento que ajuda a inteligência a funcionar. É isso.

KRISHNAMURTI: É isso. Mas, se o cérebro está a funcionar dentro do campo do tempo, para cima e para baixo, negativamente, positivamente, pode a inteligência operar nesse movimento do tempo? Ou esse instrumento deve ser silencioso para que a inteligência opere?

BOHM: Sim, eu colocaria a questão possivelmente de forma um pouco diferente. A quietude do instrumento é a operação da inteligência.

KRISHNAMURTI: Sim, está correcto. Os dois não são separados.

BOHM: Eles são um e o mesmo. O não silêncio do instrumento é a falha da inteligência.

KRISHNAMURTI: Isso mesmo.

in DIÁLOGO ENTRE KRISHNAMURTI E BOHM, Brockwood Park, 1973.

ACÇÃO TOTAL

Se não estivermos em comunhão com algo, é porque somos seres humanos mortos. Temos de estar em comunhão com o rio, com os pássaros, com as árvores, com a extraordinária luz do anoitecer; temos de estar em comunhão com o nosso vizinho, com a nossa mulher, com os nossos filhos, com o nosso marido. Comunhão é não-interferência do passado, é olhar para tudo como se fosse a primeira vez, sem passado – e é esta a única maneira de estar em comunhão com o que quer seja, quando se morre para tudo o que pertence ao passado. Será isso possível? Cada um tem de descobrir, e não perguntar «Como é que vou fazer?» – uma pergunta perfeitamente idiota. As pessoas normalmente perguntam «Como é que faço?» Isto demonstra logo o que lhe vai na mente; não compreenderam, apenas estão interessados em atingir um resultado.

Pergunto se os senhores estão alguma vez em contacto com alguma coisa, se estão alguma vez em contacto consigo mesmos – não com o eu superior ou inferior ou com essas inumeráveis divisões que o ser humano criou para fugir ao facto em si. E cada um de nós tem de descobrir – e não esperar que alguém lhe diga como é que se chega a essa acção total. Não há o «como», não há um método, não há um sistema; nisto, não se pode ser ensinado. Cada um tem de trabalhar nesse sentido. Não me quero referir ao sentido que se dá à palavra «trabalhar»; as pessoas adoram trabalhar; e esta é uma das nossas fantasias: de que temos de trabalhar para alcançar alguma coisa. Neste caso, não se tem de trabalhar; quando estamos num estado de comunhão, não há trabalho, tudo está lá; o perfume está lá, não temos de fazer nada.

Assim, cada um deve perguntar a si próprio, se é que o posso sugerir, se está em comunhão com qualquer coisa – se

está, por exemplo, em comunhão com uma qualquer árvore. Já alguma vez estiveram em comunhão com uma árvore? Sabem o que quer dizer *olhar* para uma árvore, ou não ter nenhum pensamento, nenhuma memória a interferir com a observação, com o sentir, com a sensibilidade, com o estado interior da atenção, de tal modo a que só exista a árvore, e não um eu a olhar para essa árvore? Provavelmente, nenhum de vocês alguma vez agiu assim, porque qualquer árvore é vista sem sentido. A beleza da árvore não tem qualquer significado, porque para vocês beleza significa sexualidade. Portanto, afastaram para longe a árvore, a natureza, o rio, as pessoas. E cada um de nós deixou de ter contacto com o que quer fosse, até mesmo consigo próprio. Só temos ligação com as nossas ideias, com as nossas próprias palavras, como alguém em contacto com cinzas. E o que é que acontece quando se está em contacto com cinzas? Estamos mortos, incinerados.

Assim, a primeira coisa de que temos de estar conscientes é que há que descobrir o que é essa acção total que não gera contradição, a qualquer nível da existência; e o que é estar em comunhão consigo próprio, não com o eu superior ou *Atman* ou Deus e tudo o mais, mas estar de facto em contacto a nossa ambição, inveja, brutalidade, frustração, e avançar a partir daí. E, deste modo, ficaremos a saber por nós mesmos – não através de outros, o que não tem qualquer valor – de que existe uma acção total quando há silêncio completo na mente, a partir do qual essa acção emerge.

Na maioria de nós, a mente é ruidosa, sempre a tagarelar para si mesma, em jeito de monólogo ou referindo-se a qualquer coisa, ou tentando convencer-se a si mesma de algo; sempre remexendo-se, fazendo barulho. E, com origem nesse bulício, agimos. Qualquer acção com origem no barulho produz mais barulho, mais confusão. Mas se observámos e aprendemos sobre o que é que o verdadeiro comunicar, sobre a dificuldade da

comunicação, sobre a não-verbalização da mente – que têm a ver com o que se comunica e aquele que recebe a comunicação – então, a vida como é um movimento, avançaremos, dentro desse movimento, de um modo natural, libertos, facilmente e sem esforço, em direcção a esse estado de comunhão. E nesse estado de comunhão – se formos mais fundo – descobriremos que não apenas estamos em comunhão com a natureza, com o mundo, com tudo à nossa volta, mas também com nós mesmos.

Estar cada um de nós em contacto directo consigo mesmo significa estar em completo silêncio, e assim a mente poderá estar em comunhão silenciosa consigo e com todas as coisas. E, a partir daí, acontecerá a acção total. Só desse vazio emergirá a acção que é criativa e que não tem princípio nem fim.

in COLLECTED WORKS OF J. KRISHNAMURTI
Varanasi (Índia), Novembro 22, 1964

-

O que queremos dizer por perspectiva pessoal? Por que motivo queremos cultivar uma certa perspectiva individual? O que é que estas palavras querem dizer? Assumir uma posição, chegar a uma conclusão. Tenho uma perspectiva em relação a qualquer coisa, o que quer dizer que cheguei a uma conclusão depois de algum estudo, depois de examinar, de planear, de explorar a questão. Cheguei a certo ponto, assumi certa postura, o que significa que o exercício de certa perspectiva pessoal é resistência; isto é, em si, essa atitude é violência. Não podemos cultivar uma atitude ligada à violência ou à hostilidade. Significa que estamos a interpretar o que quer que seja de acordo com a nossa conclusão particular, fantasia, imaginação ou perspectiva pessoal. Perguntamos: será possível olhar para essa hostilidade que existe em nós, essa inimizade, olhá-la como ela é de facto? A

partir do momento em que tomamos uma posição pessoal já estamos a ser preconceituosos, parciais, e, portanto, já não estamos a observar atentamente, já não estamos a compreender o facto em si.

in TALKS IN EUROPE, Paris, Maio 22, 1968

-

Por que razão a sociedade está a desmoronar-se, como sem dúvida, está? Uma das razões fundamentais é que o indivíduo – cada um de nós – deixou de ser criativo. Já explico o que quero dizer. Vocês e eu tornámo-nos imitativos, estamos a copiar, exterior e interiormente. Exteriormente, quando aprendemos uma técnica, quando ao comunicarmos uns com os outros, no plano verbal, naturalmente haverá alguma imitação, alguma cópia. Eu copio palavras. Para me tornar engenheiro, tenho primeiro de aprender uma técnica, depois usar a técnica para construir uma ponte. Tem de haver alguma imitação, alguma cópia na técnica exterior; mas quando há imitação interior, imitação psicológica, deixamos certamente de ser criadores.

A nossa educação, a nossa cultura social, a nossa chamada vida religiosa, estão todas baseadas na imitação. Quer dizer, estou ajustado a uma fórmula social ou religiosa. Deixei de ser um verdadeiro indivíduo; psicologicamente, tornei-me uma mera máquina repetitiva, com certas respostas condicionadas – de hinduísta, cristão, budista, alemão ou inglês. As nossas reacções são condicionadas, de acordo com o padrão da sociedade, seja oriental ou ocidental, religioso ou materialista. Assim, uma das causas fundamentais da desintegração da sociedade é a imitação, e um dos factores desintegradores é o líder, o guia, cuja própria essência é a imitação.

in THE FIRST AND LAST FREEDOM

ESPAÇO E OBSERVAÇÃO

Temos estado a discutir a questão da natureza do amor e chegámos a um ponto, penso eu, que exige um maior aprofundamento e estudo. Descobrimos que para muitas pessoas amor significa conforto, segurança, uma garantia para o resto das suas vidas ou uma contínua satisfação emocional. Mas, chega alguém, e pergunta: «Será isso, de facto, amor?», e sugere que cada um tem de olhar para dentro de si mesmo. E você tenta não o fazer porque é muito perturbador – prefere discutir sobre a alma ou sobre política ou sobre a situação económica –, mas quando tem mesmo de olhar, você chega à conclusão de que aquilo que pensava ser o amor não o é; não passa de uma gratificação mútua, de uma pessoa a explorar outra.

Quando afirmo «O amor não tem amanhã nem ontem», ou «Quando não existe centro, então há amor», isso faz sentido para mim mas não para você. Pode citar essas frases e tornar estas em fórmula, mas isso não tem qualquer valor. Cada um tem de descobrir por si mesmo, mas para que isso aconteça é preciso que se esteja livre para ver, estar-se liberto de juízos, de se estar de acordo ou não.

Olhar – ou ouvir – é uma das coisas mais difíceis da vida; olhar e ouvir é a mesma coisa. Se os nossos olhos estão cegos pelas nossas aflições, isso impede-nos de encontrar a beleza que, por exemplo, existe no pôr-do-sol. Muitos seres humanos perderam o contacto com a natureza. A civilização tende cada vez mais para a formação de grandes cidades. Somos cada vez mais urbanos, vivendo em apartamentos apertados e dispendo de pouco espaço para olhar o céu de qualquer manhã ou tarde; portanto, perdemos o contacto com a maior parte da beleza. Não sei se já se deram conta de que são cada vez menos os que olham para o nascer do sol ou para o sol a pôr-se ou para a luar ou para o reflexo da luz na água.

Tendo perdido a ligação à natureza, inclinamo-nos naturalmente a desenvolver capacidades intelectuais. Lemos muitos livros, vamos a inúmeros museus e concertos, vemos muita televisão e buscamos um grande número de entretenimentos. Citamos muito as ideias de outras pessoas e pensamos e discutimos, por muito tempo, o mundo da arte. Por que motivo dependemos tanto da arte? Será esta uma espécie de escape, de estimulação? Se estivermos em contacto directo com a natureza, se observarmos o movimento de um pássaro em voo ou da beleza daquilo que acontece nos céus ou as sombras no chão das colinas ou a beleza que existe no rosto de outra pessoa, será que ainda temos vontade de nos metermos num museu para olharmos para uma imagem? Talvez isto aconteça porque não sabemos olhar para as coisas que nos rodeiam e, assim, lançamos mão de qualquer espécie de droga que nos estimule a ver melhor.

Há aquela história de um guia religioso que falava todas as manhãs aos seus discípulos. Um dia, subiu para a plataforma e, quando se preparava para falar, um pequeno pássaro pousou no parapeito da janela e começou a cantar com toda a energia. A certa altura, parou de cantar, voando depois para longe, e o homem disse: «O discurso desta manhã está dado».

Parece-me que que uma das maiores dificuldades é vermos, por nós mesmos, com clareza, não apenas as coisas exteriores mas também as da vida interior. Quando afirmamos que vemos uma árvore ou uma flor ou uma pessoa, será que estamos a vê-las realmente? Ou estamos meramente a ver a imagem criada pela imagem? Isto é, quando olhamos para uma árvore ou para uma nuvem de um anoitecer cheio de luz e encanto, estaremos mesmo em contacto com isso, não apenas com os olhos e o intelecto, mas totalmente?

Já alguma vez experimentaram olhar para uma coisa objectiva, como uma árvore, sem fazer uso de qualquer

associação, de qualquer conhecimento que se tenha adquirido sobre o assunto, sem preconceitos, sem juízos, sem palavras que formem uma barreira entre vocês e a árvore, com tudo a impedir que cada um veja a coisa tal como é? Tentem, e vejam o que de facto acontece quando, com todo o ser e energia, se observa uma árvore. Nessa intensidade, descobriremos que não há observador nem observado. Quando olhamos para alguma coisa com total atenção, deixa de haver espaço para inventar, para aplicar fórmulas ou para a memória. É importante compreender isto por que estamos a entrar em algo que exige uma investigação muito cuidadosa.

Só a mente que olha para uma árvore ou para as estrelas ou para as águas cristalinas de um rio com total desprendimento conhece a beleza, e quando assim olhamos estamos num estado de amor. Geralmente, conhecemos a beleza através da comparação ou do que o ser humano inventou, o que quer dizer que estamos a atribuir beleza a um objecto. Reparo que atribuo beleza a um belo edifício e que aprecio essa beleza por via do meu conhecimento de arquitectura e comparando-o com outros edifícios que conheço. Mas agora eu pergunto a mim mesmo «Haverá uma beleza sem objecto?» Quando existe o observador, que é o julgador, o experimentador, o pensador, não há beleza porque esta não é senão algo externo, algo que o observador observa e julga. Mas quando não existe nenhum observador – e isto requer muita meditação, muita investigação –, então, há beleza sem o objecto.

A beleza reside no completo cessar do observador e do observado, e esse cessar só se dá quando existe uma grande austeridade – não a austeridade do religioso com os seus sacrifícios, as suas penas, regras e obediência nem a austeridade em matéria de roupa, ideias, comida e comportamento – mas a austeridade de ser completamente simples, que é humildade total. Nessa altura, não há nada para atingir, nenhuma escada

para subir; só existirá o primeiro degrau, e o primeiro degrau é o degrau da eternidade.

Imaginemos que estou caminhando sozinho e que, de repente, deixo de falar. Estou rodeado de natureza e nenhum cão ladra, não passa nenhum automóvel, nem se ouve o voo de qualquer pássaro. Estou em completo silêncio e à minha volta tudo se silenciou. Nesse estado silencioso tanto o observador – que não está a traduzir em pensamento aquilo que está a observar – como o observado existe uma qualidade diferente de beleza. Não existe nem natureza nem observador. Há um estado mental total, que existe por si só; mas não está em isolamento, está tranquilo, e nessa tranquilidade manifesta-se a beleza. Quando amamos, há um observador? Só existe observador quando o amor é desejo e prazer. Quando o desejo e o prazer não estão associados com amor, então este é intenso. É, como a beleza, algo completamente novo a cada momento. Como já afirmei, esse amor não tem hoje nem amanhã.

Só quando observamos sem preconceitos, sem imagens, é que ficamos em condições de entrar em contacto directo com as coisas da vida. Todas as nossas relações são realmente imaginárias – isto é, baseadas em imagens forjadas pelo pensamento. Se tenho uma imagem de outra pessoa, e vice-versa, é óbvio que não nos estamos a ver um ao outro tal como cada um é verdadeiramente. O que vemos é a imagem que formámos sobre o outro e que impede que estejamos em contacto, e é por isto que as nossas relações se degradam.

Quando afirmo que conheço alguém, quer dizer que o meu conhecimento se refere ao passado. Não estou a ver essa pessoa tal como ela é realmente. Tudo o que conheço é a imagem que fiz dela. A imagem foi sendo criada por aquilo que o outro disse de mim, fosse agradável ou desagradável, por aquilo que ele me fez; foi também montada por todas as memórias que tenho dessa pessoa. E a imagem que ela tem de mim foi formada da

mesma maneira, e são estas imagens que se relacionam e impossibilitam uma verdadeira comunhão entre nós os dois.

Duas pessoas que tenham vivido juntas por um longo período de tempo têm uma imagem uma da outra que impede que entre elas se estabeleça uma verdadeira relação. Se compreendermos a relação, então poderemos cooperar; mas esta cooperação não poderá existir através de imagens, de símbolos, de conceitos ideológicos. Só quando compreendemos o que é a verdadeira relação entre os seres é que se abre a possibilidade de haver amor, e este está ausente quando nos relacionamos com imagens. Portanto, é muito importante compreender no nosso dia-a-dia, não intelectualmente mas de facto, o modo como construímos essas imagens acerca da nossa mulher, do nosso marido, do nosso vizinho, do nosso filho, do nosso país, do nosso chefe, do nosso político, dos nossos deuses – o que temos são só imagens.

Tais imagens geram um espaço entre cada um de nós e aquilo que é observado, e nesse intervalo existe conflito. Assim, aquilo que agora vamos, juntos, tentar descobrir é se é possível libertar-nos desse espaço que criámos, não apenas fora de nós mas também no nosso interior, desse espaço que separa as pessoas em todas as suas relações.

Ora, a própria atenção que damos à questão é a energia que soluciona o problema. Quando damos completa atenção – com tudo o que há em nós –, deixa de haver observador. Existe apenas o estado de atenção, que é energia total; e essa energia é a mais alta forma de inteligência. Naturalmente que tal estado mental está em completo silêncio, e este silêncio, esta quietude só acontece quando há atenção total, quando ela não é controlada. Esse silêncio no qual deixaram de existir tanto o observador como o observado é a mais alta forma de uma mente religiosa. Mas aquilo que acontece nesse estado não pode ser posto em palavras porque aquilo que se diz através de palavras

não é a realidade. Para descobrirmos esse estado, temos de mergulhar nele.

Cada problema está relacionado com outro problema; portanto, se formos capazes de solucionar completamente um deles – não importa qual –, estaremos em condições de enfrentarmos facilmente todos os outros e resolvê-los. Estamos a falar, obviamente, de problemas psicológicos. Já vimos que o problema existe apenas no tempo e que é aí que nos confrontamos, ineficazmente, com ele. Assim, não só temos de estar cientes da natureza e estrutura do problema e olhá-lo de um modo global mas também enfrentá-lo que surja e solucioná-lo imediatamente, para que ele não tenha tempo de se enraizar na mente. Se deixamos que ele se mantenha durante um mês ou um dia, ou até mesmo por minutos, o problema acabará por distorcer a mente. Será possível enfrentar um problema sem demora, sem distorção e ficarmos imediatamente, de um modo completo, libertos dele, não permitindo que fique dele uma memória, um resíduo na mente? Estas memórias são as imagens que transportamos connosco e são elas que se encontram com essa extraordinária coisa chamada vida, gerando contradições e conflitos. A vida é uma coisa bem real – não é uma abstracção – e quando nos relacionamos com imagens, surgem os problemas.

Haverá a possibilidade de nos encontrarmos com os assuntos sem esse intervalo de espaço-tempo, sem esse fosso entre nós e aquilo de que temos receio? Só é possível quando o observador não tem continuidade, esse observador que constrói imagens, que é um monte de memórias e ideias, que é um feixe de abstracções.

Quando alguém contempla as estrelas, há um eu que olha para o céu; este está cheio de pontos luminosos, o ar está fresco, e existe um eu, um observador, um espectador, um pensador; com um coração em desordem, essa pessoa, que é um centro, cria um espaço separador. Nunca entenderemos o que é um

espaço entre nós e as estrelas, entre nós e a nossa mulher ou marido, porque nunca olhamos sem o filtro da imagem, e, por isso, nunca conheceremos a beleza ou o amor. Podemos falar destas coisas, escrever sobre elas, mas acabamos por nunca nos encontrarmos com elas, excepto em raros momentos de auto-abandono. Enquanto houver um centro criando um espaço em redor de si, não há amor ou beleza. Quando não existe centro ou limite à nossa volta, então surge o amor. E quando amamos, nós *somos* a beleza.

Quando contemplamos um rosto, fazemo-lo a partir de um centro, e este gera um espaço entre nós, e, devido a isso, as nossas vidas são vazias e desinteressantes. Somos incapazes de criar amor ou beleza ou de inventar a verdade, mas se estivermos sempre conscientes daquilo que estamos a fazer, desenvolveremos uma grande capacidade de atenção. E a partir dessa consciência começaremos a descobrir qual é a natureza do prazer, do desejo, do sofrimento, da enorme solidão e do tremendo tédio que afectam o ser humano; nesse momento, conseguiremos chegar àquilo que se chama «espaço».

Quando existe espaço entre nós e o objecto que observamos, o amor não está presente; e, sem amor, por mais que se tente reformar o mundo ou provocar uma nova ordem social ou por mais que se fale de melhorias, só se cria mais sofrimento. Portanto, a escolha é de cada um. Não há guias, mestres, não há ninguém que nos diga o que fazer. Cada um está só no meio deste mundo louco e brutal.

in FREEDOM FROM THE KNOWN

LIVROS DE K TRADUZIDOS E PUBLICADOS EM PORTUGAL

O MUNDO SOMOS NÓS – Editora Livros Horizonte (descatalogado)

CARTAS ÀS ESCOLAS – Editora Livros Horizonte (descatalogado)

O DESPERTAR DA SENSIBILIDADE – Editorial Estampa

O VOO DA ÁGUIA – Editorial Estampa

A TRANSFORMAÇÃO DO HOMEM – Edições Itau (esgotado)

MEDITAÇÕES – Editorial Presença

APRENDER A VIVER – Livros de Vida Editores

MEDITAÇÃO-A LUZ DENTRO DE NÓS – Editora Dinalivro

A VIDA – Editorial Presença

SERÁ QUE A HUMANIDADE PODE MUDAR? – Editora Dinalivro

O SENTIDO DA LIBERDADE – Editorial Presença

CARTAS A UMA JOVEM AMIGA – Editorial Presença

COMENTÁRIOS SOBRE O VIVER – Edições Mahatma

A EDUCAÇÃO E O SIGNIFICADO DA VIDA – Edições 70 (Almedina)

CARTAS ÀS ESCOLAS – Edições 70 (Almedina)

O QUE ESTÁS A FAZER COM A TUA VIDA – Cultura Editora

Contactos das Editoras:

Editora Livros Horizonte - geral@livroshorizonte.pt; www.livroshorizonte.pt;

Editorial Estampa - estampa@estampa.pt ; www.estampa.pt;

Editorial Presença - info@presenca.pt; www.presenca.pt.

Livros de Vida Editores - secretariado@europa-america.pt; www.europa-america.pt;

Editora Dinalivro - info@dinalivro.pt; www.facebook.com/Dinalivro.

Edições Mahatma - Tlm. 967319952; edicoesmahatma@mail.com;
www.edicoesmahatma.com;

Edições 70 - geral@edicoes70.pt; www.edicoes70.pt;

Cultura Editora - <https://culturaeditora.pt/>; info@particular.pt;

Os livros poderão ser encontrados em qualquer boa livraria, na livraria online Wook (www.wook.pt) ou encomendados às respectivas editoras.

ESCOLAS KRISHNAMURTI

ÍNDIA

RISHI VALLEY EDUCATION CENTRE

Internato

Idades dos 9 aos 18 anos

RAJGHAT EDUCATION CENTRE

Internato

Idades dos 7 aos 18 anos

Escola feminina dos 19 aos 21 anos

THE SCHOOL – KFI

Escola de Dia

Idades dos 4 aos 18 anos

THE VALLEY SCHOOL

Escola de Dia e Internato

Idades dos 6 aos 18 anos

BAL-ANAND

Escola de Tempos Livres
para crianças

SAHYADRI SCHOOL

Internato

Idades a partir dos 9 anos

INGLATERRA

BROCKWOOD PARK SCHOOL

Internato – Escola Internacional

Idades dos 14 aos 19 anos

Inwoods escola de dia dos 4 aos 12 anos

E.U.A.

THE OAK GROVE SCHOOL

Escola de Dia

Idades 3 aos 19 anos

Internato-Idades 10 aos 19 anos

Os contactos serão fornecidos a pedido dos interessados, mas podem ser consultados na página da Fundação K: www.kfoundation.org.

FUNDAÇÕES KRISHNAMURTI

KRISHNAMURTI FOUNDATION TRUST

Brockwood Park - Bramdean, Nr. Alresford - Hants SO24 0LQ, REINO UNIDO

Telefone: 00 44 (0) 1962 771525, Fax: 00 44 (0) 1962 771159

e-mail: info@kfoundation.org | site: www.kfoundation.org

ÍNDIA - Krishnamurti Foundation India

E.U.A.- Krishnamurti Foundation of America

ESPAÑA/AMÉRICA LATINA - Fundación Krishnamurti Latinoamericana

CENTROS (COMITÉS) INTERNACIONAIS

ÁFRICA DO SUL

AUSTRÁLIA

ALEMANHA

BÉLGICA

BRASIL

BULGÁRIA

CANADÁ

CHINA

COREIA DO SUL

DINAMARCA

EGIPTO

ESLOVÉNIA

ESPAÑA

FINLÂNDIA

FRANÇA

GRÉCIA

HOLANDA

HONG KONG

HUNGRIA

NORUEGA

INDÓNESIA

IRLANDA

ISRAEL

ITÁLIA

JORDÂNIA

MALÁSIA

MAURÍCIAS

NEPAL

NOVA ZELÂNDIA

NORUEGA

FILIPINAS

POLÓNIA

PORTUGAL

REPÚBLICA CHECA

ROMÉNIA

SINGAPURA

SRI LANKA

SUÉCIA

SUIÇA

TAILÂNDIA

TUNÍSIA

TURQUIA

UGANDA

Para além destes Centros Internacionais (Comités), outros centros de informação continuam a ser criados em alguns dos países acima referidos, bem como em países nos quais não existe qualquer comité. Os contactos serão fornecidos a pedido dos interessados mas podem ser consultados na página da Fundação K:

www.kfoundation.org/committees.html e www.kfoundation.org/world_infocentres.html

NÚCLEO CULTURAL KRISHNAMURTI

PORTUGAL

+351 965477360

nucleok@sapo.pt

jk Krishnamurti.pt

<https://www.facebook.com/nucleoculturalkrishnamurti/>

<https://www.instagram.com/nucleoculturalkrishnamurtipt/>